

Jagunço tinha índio na mira há 5 dias

O cacique Celestino, líder xavante que teve seu assassinato anunciado na última terça-feira pelo presidente da Funai, Cantídio Guerreiro Guimarães, estava marcado para morrer no último dia 28 de outubro, domingo passado, por vários pistoleiros que trabalham para proprietários de fazendas localizadas no limite sul da área indígena Parabubure, no Mato Grosso.

Um dos últimos grandes líderes do povo xavante, Celestino, 60 anos, tivera seu destino traçado em função de se opor a dois acordos ilegais feitos por dois xavantes, do posto indígena Campinas, com fazendeiros em 1989 e neste ano.

Essas informações foram transmitidas ontem ao presidente da Funai pelo cacique xavante Aniceto, da aldeia São Marcos, ao retornar da aldeia Parabubure, para onde viajou no início da tarde do dia 30 logo após a Funai ter sido oficialmente informada

da "morte" de Celestino.

O comunicado oficial efetuado pelo chefe do posto indígena Parabubure, Carlos Dumhiwe, irmão do cacique Celestino, não se tratou de uma mera tentativa de chamar a atenção para os problemas fundiários existentes na região.

Na versão final para a morte não acontecida, o cacique Aniceto disse a Cantídio Guerreiro Guimarães que todos os índios do Parabubure sabiam que Celestino estava jurado de morte. Numa tentativa de se proteger, ele orientara seu irmão Carlos a comunicar sua morte caso não retornasse à aldeia no dia 29, segunda-feira, pois decidira, no domingo, vistoriar a área que fora franqueada aos fazendeiros.

O assassinato só não ocorreu, de acordo com Aniceto, porque o pistoleiro que encontrou Celestino, após avisar que estava ali para matá-lo, não teve coragem para cumprir "o contrato".

Matador era amigo da vítima

"O pistoleiro — narrou Aniceto — conhece o Celestino e é amigo dele. Aí, disse que não ia matar".

Tão logo souberam que Celestino deparara-se com um dos pistoleiros de aluguel sem nada ter sofrido, os xavantes que haviam negociado com os fazendeiros assumiram a tarefa de eliminar o cacique, convocando imediatamente alguns índios do Posto Campinas para a tarefa.

"Os índios, contou o cacique Aniceto, valendo-se de informações que recolheram na aldeia Parabubure, pintaram-se para guerra, armaram-se de bordunas, espingardas, arco e flechas, facões e revólveres e cercaram Celestino e seu grupo nas proximidades do córrego Matrinxa".

Acuado, Celestino, segundo Aniceto, deixou claro que era contrário ao arranjo feito com os

fazendeiros. Depois de uma longa negociação, os xavantes do Campinas recolheram as armas e Celestino, em vez de retornar ao Parabubure, foi ao encontro dos fazendeiros para uma segunda rodada de entendimentos. Daí resultou em um acordo para que a exploração ilegal da reserva fosse suspensa.

A negociação, entretanto, estendeu-se da tarde de domingo à tarde de terça-feira, e quando Celestino chegou ao Parabubure, na quarta-feira, seu lamentável "assassinato", como consta no radiograma expedido por seu irmão Carlos à presidência da Funai, já fora noticiado.

Para o cacique Aniceto, porém, o acordo feito por Celestino com os fazendeiros não vai servir para coisa alguma: a invasão e a exploração da Reserva Xavante vai prosseguir.